

---

# O DOM DE JOGAR BOLA

*Sérgio Settani Giglio*

*Universidade Nove de Julho – Brasil*

*Márcio Pereira Morato\**

*Sérgio Stucchi*

*José Julio Gavião de Almeida*

*Universidade Estadual de Campinas – Brasil*

**Resumo:** *Este artigo tem como objetivo investigar como a categoria dom e seus significados interagem com a construção sociocultural do fenômeno futebol. A categoria foi trabalhada a partir da sua relação com a magia e a fé, necessárias num ambiente tão supersticioso como o do futebol brasileiro. A validação do dom enquanto objeto imperativo à compreensão dos êxitos e fracassos no futebol é algo compartilhado não só pelos jogadores, como também pela imprensa esportiva e pelos torcedores. A eficácia simbólica do dom é validada em ato mágico ao ser compartilhada e aceita por seus próprios criadores e consumidores, a ponto de transformar o rico contexto de aprendizado para o futebol, vivido no Brasil, em um simples golpe da sorte: nascer ou não com o dom.*

**Palavras-chave:** *cultura, dom, futebol, magia.*

**Abstract:** *This paper aims at investigating how being gifted, as a category for classifying football players, interacts with the sociocultural construction of the sporting phenomenon. The category and its meanings were analyzed in relation to magic and faith, since the Brazilian football environment is very superstitious. Football players and fans and also the press usually attribute success and failure in the sport to being gifted. The symbolic efficacy of the natural ability is validated as it is accepted and conveyed by its own creators and consumers as a magical fact. That sense causes*

---

\* Doutorando em Educação Física.

*them to signify the rich Brazilian context of learning how to play football as a matter of luck: players are either gifted or non-gifted.*

**Keywords:** *culture, football, gift, magic.*

## Introdução

Aprender a jogar futebol no Brasil sempre esteve respaldado no significado cultural de sua prática. Desde a infância os brasileiros são influenciados por esse significado. Recebem bolas e uniformes dos clubes preferidos dos pais ou parentes. Torcem por determinados times. Assistem aos jogos pela televisão ou nos estádios, são incentivados a praticar o esporte. Jogam em quadras, na praia, na rua, em terrenos baldios ou em qualquer lugar onde se possa rolar um objeto esférico. Inventam brincadeiras com a bola nos pés. Fazem do verbo “jogar bola” uma identificação praticamente exclusiva do jogar futebol, salvo raríssimas exceções.

DaMatta (1982, p. 16) afirma que o futebol é um objeto social complexo, que pode ser socialmente apropriado de vários modos em diferentes nações, e defende que “cada sociedade tem o futebol que merece”. Ele acredita que o futebol praticado no Brasil não é somente uma atividade com conotações específicas, mas também um jogo a serviço de todo um conjunto de valores e relações sociais, onde a população exercita e aprende costumes do que é ser brasileiro.

Muitos grupos se formam ou se formaram pelo futebol, seja para torcer ou praticar. Clubes e associações esportivas se originaram pela busca da prática da modalidade. Loterias são baseadas em jogos de futebol e mais recentemente nos distintivos dos clubes. A mídia dá mais ênfase ao futebol em detrimento das outras modalidades esportivas. Os brasileiros “vivem futebol” com grande intensidade, uma intensidade que lembra a briga de galos em Bali (Geertz, 1989). Sem dúvida os significados gerados por essas práticas tão distintas são diferentes, porém ambas têm a capacidade de dar sentido a uma grande parcela da população.

De forma contraditória, entretanto, esse mesmo contexto que significa o desenvolvimento do fenômeno leva muitas pessoas a negarem tal significação, pois dá uma idéia de que os brasileiros já nascem sabendo jogar futebol, como se tivessem sofrido uma mutação genética ou herdado um dom divino para tal.

Até mesmo Pelé, ícone máximo no universo do futebol, afirma que futebol não se aprende,<sup>1</sup> desconsiderando todo esse processo de construção cultural.

Partindo-se desse entendimento da construção sociocultural do fenômeno futebol e sua relevância para o brasileiro, este artigo objetiva investigar como a categoria *dom* e seus significados interagem com o fenômeno em questão. O dom é um tema evidente para o entendimento do futebol brasileiro e é recorrente na fala de vários personagens em diferentes contextos no mundo do futebol, como nas entrevistas realizadas nesta pesquisa, com dois ex-jogadores e nove jogadores de futebol profissional e com seis jogadores de futebol para cegos.<sup>2</sup> As entrevistas com os primeiros foram realizadas entre agosto de 2005 e janeiro de 2006; as entrevistas com os segundos foram realizadas de outubro a dezembro de 2005, e todas foram feitas em São Paulo.

## O caráter mágico do dom

Numa busca pela literatura especializada em futebol, poucos são os trabalhos que se arriscam em definir a categoria dom. Diante dessa dificuldade, o *Dicionário da Língua Portuguesa* (Ferreira, 1995) torna-se uma fonte para pensar a questão. O verbete do dicionário define dom como uma dádiva ou presente. Porém, essa definição transmite uma idéia genérica que não abrange o significado do termo quando usado no meio esportivo. A dificuldade em encontrar definições a respeito do que realmente seria o dom é provocada pelo fato de não haver como provar sua existência, já que é um conceito que se localiza no campo da fé. A crença faz com que o dom, dentre outras coisas, seja uma justificativa viável para preencher as lacunas criadas com os freqüentes questionamentos sobre o destaque de um indivíduo em determinada área ou esporte. Nessas situações, o termo passa a ser utilizado com o sentido de uma categoria nativa, uma aceção que o dicionário não contempla.

---

<sup>1</sup> Entrevista ao *Jornal Nacional*, do dia 21 de janeiro de 1999 (Scaglia, 1999, f. 35).

<sup>2</sup> A modalidade Futebol para Cegos ainda não pode ser considerada profissional. Além dos jogadores entrevistados, integrantes da seleção brasileira campeã paraolímpica em Atenas/2004, que recebem a bolsa atleta do Ministério dos Esportes, dificilmente se encontram outros exemplos na modalidade em que os jogadores recebem para jogar (Morato, 2007).

Damo (2007, p. 200) comenta a história de dois irmãos que seguem trajetórias diferentes no futebol. Seu questionamento é sobre os motivos que levam um dos irmãos a ser mais bem sucedido no esporte que o outro: “[...] como dois filhos de um mesmo casal podem ter performances desiguais e, particularmente, no caso dos gêmeos – Diego e Diogo, [...] –, como um torna-se mais exitoso do que o outro? Por que um deles é melhor do que o outro e não o inverso?” Nesse caso, pode-se questionar se eles tiveram ou não as mesmas vivências e experiências e, se as tiveram, o êxito ou fracasso em uma atividade poderia ser explicado pela maneira como cada um lidou com a mesma. As variadas experiências não são consideradas como uma condição essencial no processo de aprendizagem, parecendo haver sempre uma lacuna entre o sucesso ou insucesso e a história de cada um.

No futebol, essa a lacuna é geralmente preenchida pelo dom, que surge como uma explicação para acontecimentos, até então, inexplicáveis. Damo (2007) considera que, se um dia essa lacuna for preenchida de outra forma, com outras explicações, talvez o futebol de espetáculo tenha diminuído, ao menos em parte, o interesse que provoca. O dom contribui para legitimar o pensamento mágico e místico do futebol.

O dom é precisamente isso: “nada de mais”, “o instinto”, “uma dádiva divina” e, agregando-se outros termos do meio futebolístico, dom é “aquele algo mais”, “o que não se pode explicar, “aquilo que você sabe quando o sujeito tem, mas não sabe o que é”, entre outras. Enfim, dom é, fundamentalmente, um termo que preenche um espaço que deveria ser ocupado por outro termo, um coringa, razão pela qual seu significado permanece oculto, aberto, como ilustra o diálogo com o olheiro Dada, citado anteriormente – “Você pode ver pelo jeito dele correr, o jeito que bate na bola”. Só o contexto dirá o que está em jogo quando o termo é usado (Damo, 2007, p. 199).

O dom é um objeto de crença. Não há um meio termo, nele acredita-se ou não. Por ser objeto de crença, o dom assume, como observado nos dados obtidos, significados próximos e amplos. Na fala dos entrevistados o dom dificilmente aparece sozinho, sempre precisa de um complemento para validá-lo. Esse complemento pode ser traduzido pelos dois significados que o termo pode assumir: sinônimo de talento, em que ele seria uma predisposição inata, algo que pertence ao sujeito e pode ser aperfeiçoado; ou sinônimo de dádiva, em que seria uma predisposição que, além de inata, é hereditária (Damo, 2007).

O dom somente assume esses sentidos se for validado enquanto uma representação. Para existir, o dom precisa ser compartilhado por aqueles que integram o cenário do futebol. Se os próprios jogadores, técnicos, preparadores físicos, torcedores, jornalistas não acreditassem no dom, não faria sentido discuti-lo, já que ele não existiria aos olhos daqueles que compõem o cenário esportivo e assim perderia sua eficácia simbólica.

Mauss<sup>3</sup> (2003) explica que a magia compreende agentes, atos e representações. O mágico é aquele que faz atos mágicos. As representações mágicas são as idéias e as crenças que correspondem aos atos mágicos; por sua vez, os atos são definidos em relação aos outros elementos da magia, conhecidos como ritos mágicos. Para se entender a magia é preciso compreender a sua natureza simbólica e, sem ela, torna-se impossível explicar sua eficácia. “A magia é, por definição, objeto de crença. [...] A magia, como a religião, é um bloco, nela se crê ou se crê” (Mauss, 2003, p. 126).

[...] a crença do mágico e a do público não são duas coisas diferentes; a primeira é o reflexo da segunda, já que a simulação do mágico só é possível em razão da credulidade pública. É essa crença, que o mágico partilha com todos os seus, que faz com que nem a sua própria prestidigitação, nem seus experimentos frustrados o façam duvidar da magia. Ele tem sempre aquele mínimo de fé que é a crença na magia dos outros [...]. Em geral, se não vê agir as causas, ele vê os efeitos que elas produzem. (Mauss, 2003, p. 131).

É essa crença que faz com que o dom seja considerado como habilidade, talento, algo inato, que é, portanto, uma dádiva divina: a habilidade é explicada pelo talento, o talento é explicado como uma característica inata, e se se nasce com ele, então, deve ser mesmo uma dádiva divina (Giglio, 2007). É essa a leitura que os jogadores fazem ao usarem uma série de palavras para dizerem a mesma coisa. Há um consenso, entre eles, de que para ser jogador de futebol é preciso ter algo que os diferencia dos demais, e isso é nada mais do que o dom para jogar futebol. No entanto, essa idéia não é exclusiva dos jogadores, atingindo também os professores de escolinhas de futebol (Scaglia, 1999), e técnicos de futebol profissional (Giglio, 2003).

---

<sup>3</sup> “Esboço de uma teoria geral da magia” corresponde à primeira parte do livro de Mauss; esse capítulo teve a colaboração de Henri Hubert.

Dessa forma, a crença de que o dom seja uma qualidade imprescindível aos jogadores é compartilhada por seus colegas de profissão e até mesmo por aqueles que não são do meio futebolístico.

Em suma, sua crença é sincera na medida em que é a de todo o seu grupo. A magia é acreditada e não percebida. É um estado de alma coletivo que faz com que ela se constate e se verifique em suas conseqüências, ainda que permaneça misteriosa, mesmo para o mágico. A magia é, portanto, em conjunto, o objeto de uma crença *a priori*; trata-se de uma crença coletiva, unânime, e é a natureza dessa crença que faz a magia poder facilmente transpor o abismo que separa seus dados de suas conclusões. (Mauss, 2003, p. 131).

O dom também é utilizado para explicar como um atleta chega à seleção brasileira, ou como, em um jogo informal de meninos, uns se destacam mais do que os outros, ou mesmo como, diante de tanta concorrência nas categorias de base, alguns conseguem chegar ao profissional. A importância do termo reside no fato de ele explicar o que se considera inexplicável e sua recorrência se dá por ter um sentido que é compartilhado e validado pelos torcedores, jogadores, mídia, etc.

## As categorias e significados assumidos pelo dom

O uso da categoria dom é uma mescla de significados que, quando usados no plano concreto, são fundidos para dar sentido ao inexplicável. Apesar disso, o dom parece assumir dois significados amplos e complementares: sinônimo de uma dádiva de Deus/herança genética; ou sinônimo de talento/habilidade (Damo, 2007). Em ambas as categorias, o dom aparece como algo diferencial, que separa os dotados do não dotados.

### *O dom como dádiva ou herança*

O dom como dádiva equivale a uma predisposição que, além de inata, é herdada. Seria uma qualidade natural pertencente aos bem nascidos, aos destinados ou aos afortunados que teriam esse privilégio. Provavelmente essa seja a forma mais utilizada no cotidiano, pois não fica restrita somente ao campo esportivo. Serve para explicar como o dom é utilizado por outras áreas.

Entre os entrevistados, houve consenso de que o jogador de futebol e, principalmente o craque,<sup>4</sup> possui um dom. Mas não qualquer tipo de dom, e sim o dom particular para o futebol. Quando pensam o dom como uma dádiva, os jogadores estão se distinguindo dos demais e fazendo um auto-elogio, como se fossem predestinados a recebê-la.

Para boa parte das pessoas, o atleta que alcança o sonho de jogar pela seleção brasileira é visto como um vencedor, um afortunado. Após passar pelo grande funil que separa aqueles que realmente serão jogadores daqueles que nunca o conseguirão, a seleção brasileira representa um funil ainda mais estreito, pois se acredita que só chegam a essa condição os jogadores que realmente possuem o dom.

Acho que dom eles tem sim, pelo fato deles sempre tá aí na seleção, aí sempre tá aí defendendo a amarelinha aí pra gente [...] acho que um dom que temos que agradecer a Deus porque esse dom, acho que Deus que deu pra gente, a gente tem que agarrar com as duas mãos e sempre tá buscando o melhor. (Entrevistado 5, jogador profissional, atacante, 21 anos<sup>5</sup>).

Jogar pela seleção brasileira representa o ápice da carreira de jogador. O atleta pode atuar por um grande clube brasileiro ou do exterior, mas jogar pela seleção representa uma espécie de validação e comprovação da sua qualidade. Geralmente, os atletas que atuam pela seleção são reconhecidos como ídolos de suas equipes.

Há um consenso, no meio futebolístico, de que o ídolo é um jogador que se sobressai diante dos demais atletas porque faz o melhor. Tal qual ídolos de outras esferas, como Roberto Carlos, da música, ou Ayrton Senna, do automobilismo, o ídolo no futebol é tido como aquele que recebeu uma dádiva e que deve, por isso, agradecer a Deus. Cabe somente ao atleta, entretanto, agarrar a chance e o privilégio de possuir o dom para buscar o melhor.

Por esse sentido de bênção divina, acredita-se que, no Brasil, vários meninos nasçam já aptos para praticar futebol. Essa crença faz com que sejamos considerados os melhores jogadores de futebol do mundo. Além da associação

---

<sup>4</sup> Denominação popular aos jogadores de destaque.

<sup>5</sup> Idade que os entrevistados possuíam no momento da entrevista.

ao sentido do divino, o dom também assume a forma de herança genética, unindo características de predestinação:

Genético. Já vem de berço, já é uma coisa que você não consegue fazer um jogador né. Você consegue lapidar o jogador. Você não consegue deixar ele craque, mas se ele tiver a qualidade, tiver o dom aí sim você vai lapidar para ele ser craque. (Entrevistado 4, jogador profissional, goleiro, 32 anos).

É genético. Realmente pelo que parece [...]. Então, a tendência de um filho de um neto nascer com esse dom de futebol é mais fácil. (Entrevistado 9, jogador profissional, lateral-esquerdo, 32 anos).

A partir desse pensamento, a idéia é a de que, na história de uma família, se já houve algum jogador de futebol, há maior possibilidade de haja, no futuro, outro jogador.

Os entrevistados consideram, assim, que a representatividade mundial que o Brasil conquistou no futebol é a combinação de uma qualidade genética e de uma prontidão do brasileiro para a prática. O dom, nessa perspectiva, faz uma clara alusão a uma grande máxima no futebol brasileiro: “futebol não se ensina, nasce com o jogador”, ou se se preferir, “está no sangue”.

### *O dom como habilidade ou talento*

Souza (1996, p. 132, grifo do autor) afirma que no “sistema de valores que permeia o futebol brasileiro, uma categoria central que recebe, geralmente, uma valoração positiva é o *talento*. O talento seria uma característica inata, rara, singular, específica e exclusiva de cada jogador que o possuir”. O talento, aí, aparece como a materialização do dom, fazendo com que ele se torne algo concreto.

Olha hoje em dia você fabrica jogador [...]. Agora, você não fabrica o craque. Você fabrica jogador. O craque já tem o dom. O craque já é desde pequenininho. [...] O dom é a habilidade que você tem é de [...] de rapidamente ser melhor do que os outros. Que nem eu tenho aqui, aqui na escola, nós temos 60 meninos, desses 60 você tira três que têm o dom de saber jogar bola, já pequenininho. Então, esse garoto bem lapidado a tendência é só crescer. Enquanto que os outros terão sérias dificuldades pra chegar num estágio médio desse jogador que já tem esse dom. (Entrevistado 1, ex-jogador profissional, meio-campo, 51 anos).



Essa é uma visão muito recorrente dos professores que ensinam futebol, que consideram ser possível identificar, em um grupo, com apenas um olhar, aquelas crianças que são craques e, por isso, possuidores do dom. Nessa lógica, se as habilidades desses meninos, forem lapidadas, eles poderão aperfeiçoar suas qualidades e serem exímios jogadores, enquanto que as outras crianças somente poderão chegar a um estágio intermediário de desenvolvimento, se comparadas aos primeiros. Esse pensamento corrobora com a crença de que os não dotados desse dom não poderão aprender.

Freqüentemente, a habilidade é classificada como sinônimo de talento. Tanto o talento quanto a habilidade representam um diferencial, “o jogador tem ou não talento/habilidade”. Há um consenso no meio futebolístico de que se uma pessoa é habilidosa poderá desenvolver melhor os fundamentos do futebol e nessa linha, o dom é utilizado para dizer que uns são melhores que os outros:

O dom é você, por exemplo, pegar uma bola e ter facilidade de [ver] um companheiro, de tocar, de driblar, de chutar, de fazer um gol. Então, o dom é uma coisa que você se sobressai com mais facilidade dos outros colegas. [...] Eu acho que isso já nasce com a pessoa. [...], por exemplo, você tem cinco jogadores que tem o dom, aí os cinco vão treinar na Portuguesa ou no Corinthians, tal. Então, aquele que vai bem, vai muito do técnico também de gostar de um daqueles lá. Então, os cinco jogam bem, mas um fica e quatro não ficam. Então, é aí que você tem que [...], aquele negócio de treinar mais, de se dedicar mais. Tem um monte de coisas que faz com que o jogador possa estar se sobressaindo. (Entrevistado 6, ex-jogador profissional, meio-campo, 63 anos).

A confusão entre habilidade inata e adquirida é evidente. Tocar, driblar, chutar, cobrar uma falta bem, são fundamentos que compõem o treinamento das equipes, portanto, são investidas muitas horas no aperfeiçoamento e aprendizagem dessas habilidades. Mesmo os jogadores vistos como detentores de certas habilidades inatas, aprimoram seu talento em longas horas de treinamentos. E esse aprimoramento contribui ainda mais para serem tachados como possuidores do dom.

O dom torna-se “real”, palpável e visível ao ser associado a algumas “virtudes”, tais como perseverança, vontade e sorte. Ele torna-se real quando o seu entendimento é naturalizado. Sem a naturalização, o dom não existe.

Entre muitos fatores, a sorte torna-se um elemento plausível para explicar porque um menino, além de possuir o dom, consegue ser selecionado numa

peneira diante de um grande número de garotos que jogam tão bem quanto ele e também são detentores do dom. Participar de uma peneira,<sup>6</sup> isto é, participar de um jogo coletivo com avaliação, pode representar uma porta de entrada para o mundo do futebol. Nessas situações, não é apenas a sorte que está em jogo, mas também a possibilidade de realização de um sonho.

O coletivo, como o próprio nome diz, é uma oportunidade de avaliadores conhecerem quem joga melhor dentro das condições do jogo: afora o nervosismo por estarem sendo avaliados, os jogadores dos times se conhecem minutos antes do jogo, o que dificulta seu desempenho. Como estão sendo avaliados, o jogo torna-se individual, afinal, para ser notado é preciso demonstrar possuir mais habilidade que os demais. Outra situação típica é o jogo dos que já pertencem à equipe contra os que querem integrá-la.

Damo (2007) ressalta a enorme dificuldade encontrada pelos garotos que sonham em integrar um time de futebol, pois a própria estrutura do esporte faz com que seja necessário que um jogador saia para que outro entre. Portanto, quem está dentro de um time não quer sair e o grupo já estabelecido fecha-se em um objetivo claro: a permanência dos amigos.

O mais importante para um jovem jogador é que, uma vez aprovado no teste, ele passe a fazer parte das categorias de base do time, mesmo sem que tenha a garantia de que, a partir disso, chegue à categoria profissional.

[...] é um pouco difícil. Tem muitos jogadores né, a competição é muito grande né, nas categorias de base. Acho que de umas 300 pessoas que eu conheci em categorias de base, infantil, juvenil, juniores acho que dá para contar no dedo quem vingou no profissional. (Entrevistado 7, jogador profissional, atacante, 28 anos).

Diante de tanta concorrência e poucas vagas na equipe profissional, muitos são excluídos do processo ainda nas fases preliminares. Muitas vezes a

---

<sup>6</sup> Segundo informação da assessoria de imprensa dos clubes: Palmeiras, Corinthians e Portuguesa ainda mantêm a seleção por meio de peneiras. O São Paulo e o São Caetano recrutam seus jovens jogadores apenas por indicação, pois a realização da peneira envolvia muito trabalho e pouco resultado. Se alguns clubes eliminaram essa forma de recrutar jogadores, outros informatizaram esse processo por meio da internet. Atualmente existe um site especializado em divulgar as datas das peneiras de diversos clubes brasileiros (<http://www.craques.com.br/>).

explicação para esse fato recai sobre o dom. Este item passa a ser considerado o diferencial na vida de um jogador, isto é, considera-se que os que são expelidos a cada etapa do processo de formação do jogador e que sucumbiram devido à grande concorrência, não são detentores do dom. E caso o fossem, precisariam também mostrar esforço e perseverança para aperfeiçoar cada vez mais sua habilidade/talento.

## O embate entre o natural e o adquirido

Ao se apropriar do termo dom, o senso comum encara as qualidades futebolísticas do jogador brasileiro como talento/habilidade, como naturais. Chutar, driblar, cabecear, ter uma melhor visão de jogo, dentre outros fundamentos, são considerados qualidades inatas. Ao conceituar o dom a partir dessa ótica da magia, chega-se à crença de que o brasileiro é “bom de bola” porque nasceu brasileiro, ou seja, porque possuiria um gene futebolístico.

Com o sentido de uma qualidade natural, a capacidade de jogar futebol no Brasil implicaria na impossibilidade ou não necessidade de ensinar o esporte, o que contradiz a existência das tantas escolinhas de futebol. Entretanto, mesmo dentre aqueles que ensinam o esporte ocorre a crença na impossibilidade de seu ensino. Scaglia (1999), por exemplo, constatou, em uma pesquisa, que a maioria dos professores de escolinhas de futebol entrevistados entendem que o futebol é uma questão de dom e que é, portanto, uma modalidade impossível de ser ensinada no seu todo:

Ah eu acho que, eu particularmente penso que é nato né, a pessoa acho que tem, nasce com o dom, e é obvio que ela desenvolve isso agora se a pessoa não tem o dom infelizmente não tem como aprender não. (Entrevistado 11, jogador do futebol de cinco, deficiente visual, atacante, 31 anos<sup>7</sup>).

A difusão da idéia natural do dom é alimentada pela imagem do ídolo, protagonista dos gramados. Para o imaginário social, os maiores craques são aqueles que se destacam devido aos seus dons, às suas virtudes intrínsecas

---

<sup>7</sup> As posições do futebol de cinco são: goleiro, defensor, alas e atacante.

consideradas freqüentemente como inatas e intuitivas. A pesquisa de Rodrigues (2004), por exemplo, sobre o motivo pelo qual jogadores de times profissionais escolheram essa carreira, mostra que 50% deles o fizeram por acreditar possuir o dom, em relação a 21,4% para o fizeram para enriquecer; a 14,7% que o fizeram por incentivo da família; a 10,7% para jogar pela seleção brasileira e a 3,6% que não responderam.

Em outras esferas do conhecimento, geralmente, no campo artístico, o craque é visto como gênio. Como explicar a presença de um craque/gênio em qualquer esfera além da esportiva? A justificativa, na maioria das vezes, também recai no âmbito do natural. Com essa explicação, naturalizam-se todos os estímulos que essa pessoa recebeu e codificou de maneira diferente dos demais.

Nos campos futebolístico e artístico, portanto, a presença de gênios e craques se explica pelo viés religioso, da crença e da fé, como algo mágico (Giglio, 2007).

Na verdade você vê que todo jogador de futebol ele tem que ter um dom né porque senão não tem jeito né. Às vezes se você pegar um cara que nunca chutou uma bola e tentar fazer com que ele vire um jogador de futebol dificilmente você vai conseguir. Porque ele não tem aquele dom realmente. [...] Deus dá um dom pra cada um, né, então. O jogador de futebol, realmente, pode ser qualquer um, qualquer jogador, goleiro, qualquer um tem que ter o dom porque realmente é uma profissão difícilima. (Entrevistado 8, jogador profissional, goleiro, 29 anos).

O que está por trás da afirmação do dom como definidor da qualidade de um artista ou jogador é o empenho, a determinação, em outras palavras, muito trabalho. Isso fica esquecido em meio à confusão entre treinamento e genética, entre inato e adquirido.

Em vários momentos, os entrevistados se contradisseram nesse ponto. No imaginário desses jogadores, o dom, sozinho, não resolve tudo. O jogador precisa ter o dom, e também dedicação e empenho para que ele se torne algo real. Segundo os atletas, se não houver lapidação, aprendizado e aperfeiçoamento, especialmente da habilidade/talento, não há como se manter no futebol.

Eu particularmente acredito que é um presente de Deus. Eu particularmente acredito nesse sentido. Cada pessoa tem um talento, cada pessoa tem um dom que precisa ser trabalhado, que precisa ser desenvolvido. E tem uma frase que um pessoal, tem um rapaz que me falou, que é bem interessante. Comentou que um rapaz falou pro outro que assim num lance difícil, não sei se do esporte ou da vida, acho que

no esporte, ele falou que o rapaz tinha bastante sorte. E o rapaz falou: é engraçado que quanto mais eu trabalho, mais sorte eu tenho. Então, eu acho que é uma coisa que está associada ao trabalho. Você ter o dom e desenvolver o dom. (Entrevistado 10, jogador profissional, volante, 30 anos).

Assim, dom é um presente divino que precisa ser trabalhado, lapidado e desenvolvido. Não basta tê-lo e não se empenhar. A questão que se coloca, portanto, é: se essas qualidades são tão importantes para conquistar objetivos, será que possuir ou não o dom é um determinante para ser um bom profissional, qualquer que seja a sua área?

Alguns fatores genéticos podem até facilitar o desempenho em uma ou outra modalidade, mas não há como afirmar que uma pessoa já nasce com um domínio de bola ou visão de jogo. O equívoco em considerar o dom como pré-requisito para o sucesso na carreira faz com que os atletas descartem o quanto aprenderam, desde seu início de carreira, em suas próprias histórias.

A gente terminava o almoço, a gente ia jogar bola, intervalo né, recreio a gente tava jogando bola é, às vezes entre o café da manhã, entre o café da manhã e a aula a gente jogava bola também, era o tempo inteiro, né? (Entrevistado 12, jogador do futebol de cinco, deficiente visual, defensor, 29 anos).

Os colegas chamaram para ir jogar. A gente começa jogando lá atrás na defesa, né, porque não sabe nada e então você sempre, eles [...] o pessoal põe você para jogar lá atrás. Por sorte eu [...] tinha um pouquinho de habilidade então, quem vai tendo habilidade acaba se destacando naturalmente, acaba melhorando a sua qualidade, acaba ganhando espaço. Isso em colégio é muito comum, muito normal, né? (Entrevistado 13, jogador do futebol de cinco, deficiente visual, ala, 36 anos).

No Brasil, é costume dizer que as crianças nascem jogando futebol. Essa frase quer dizer que aqui as crianças crescem jogando futebol. Em outras palavras, ela poderia ser interpretada da seguinte forma: no Brasil as crianças, principalmente os meninos, crescem com uma bola de futebol, e, em certa medida, se tornam “meninos” porque jogam futebol.

As crianças brasileiras ganham bolas de futebol mesmo antes de começarem a andar. Assim, o objeto faz parte das brincadeiras e da vida das crianças desde muito cedo. E como há uma idéia muito difundida no Brasil de que jogar bola nada mais é do que praticar futebol, a expressão *jogar bola* passa a ser definida culturalmente como significando *jogar futebol*. Esse sentido é uma

marca carregada pelo brasileiro. Outros esportes com bola, diferentemente, não são expressos pelo sintagma (Giglio, 2005).

Como todas as pessoas são influenciadas pela cultura, também os craques do futebol brasileiro praticam futebol desde pequenos, muito antes de entrarem para as categorias de base dos clubes. A influência cultural, em todo processo de formação dos jogadores, precisa ser considerada. Todo o aprendizado não pode ser classificado como um complemento do dom, mas como a parte principal de todo processo.

Assim, não podemos analisar o dom sem considerar o aspecto cultural. Se aceitarmos a idéia de que uma pessoa possa ter um dom ou “talento natural”, o ponto de partida da discussão deve ser feito pela ótica da cultura, ou seja, nesse caso, o dom pode ser entendido como algo aprendido culturalmente, como um componente adquirido que aperfeiçoa e melhora a natureza inata de cada um (Chauí, 2003). Mesmo que haja um processo de seleção “cultural” no futebol – parafraseando o famoso conceito de Darwin –, não fossem as experiências infantis, a vontade de “jogar fora de hora”, a disposição para a união e troca com outras crianças (união potencializadora da criatividade para a criação de jogos e brincadeiras e para a adaptação de materiais e regras para o jogo), além da dedicação aos treinos formais, muitos atletas em potencial não teriam descoberto suas qualidades.

Pelo fato de o vínculo entre o futebol e o cidadão brasileiro ser tão grande, acaba-se por naturalizar as suas opções pela prática do futebol, fazendo com que toda a mediação existente em torno desse fenômeno seja esquecida, para se passar a acreditar num possível dom divino dessa nação, uma aptidão para jogar futebol responsável por tantas glórias conquistadas nos gramados. A história brasileira de sucesso em outros esportes, entretanto, serve para contrapor essa idéia. As vitórias da seleção brasileira de voleibol, nos últimos anos, por exemplo, coloca em cheque essa lógica. Será que, a partir de determinado momento, passamos a ter também o dom para este esporte? Ou se já o tínhamos, por que demorou tanto para que ele se revelasse no cenário mundial?

A declaração dada pelo atacante francês Thierry Henry, antes do jogo Brasil e França, pelas quartas de final da Copa de 2006, ilustra esse processo de mediação cultural para a prática do futebol em nosso país:

Quando eu era criança, ia à escola das 7 horas da manhã às 5 da tarde e, quando queria jogar bola, minha mãe não deixava. Dizia que estudar era mais importante. No Brasil, as crianças jogam das 8 às 18 horas. Em algum momento a técnica

aparece. [...] [no Brasil as crianças] nascem com a bola nos pés. Na praia, na rua, na escola. Onde quer que você olhe, eles estão jogando. (Henry pisa..., 2006).

A afirmação, provocação ou pensamento de Henry, vai de encontro com a idéia que naturaliza o dom ao invés de vê-lo como um longo processo de aprendizagem por qual passam os meninos brasileiros.

De fato, há muita diferença entre a realidade vivida pelas crianças brasileiras e francesas. Damo (2007) analisou e comparou o modelo de formação de jogadores no Brasil e na França, e afirma que no futebol as diferenças também existem. Nas duas nações há uma legislação que garante o direito aos jovens de estudar. Enquanto os franceses treinam um período por dia para estudarem no outro, os brasileiros treinam em dois períodos para, se possível, estudar no período noturno. O autor fez um levantamento da quantidade de horas de treinamento que os jogadores são submetidos até chegar ao profissional aqui no Brasil. Considerou as horas de treinamento de cinco categorias<sup>8</sup> e constatou uma carga horária de aproximadamente 5.650 horas. Ou seja, esses meninos são submetidos a um aprendizado, ao longo de sua formação, equivalente a dois cursos de graduação.

Damo (2007) também afirma que um modelo como o brasileiro só poderia mesmo produzir excelentes resultados futebolísticos. Porém, questiona o que acontecerá com o grande número de jovens que serão expelidos do processo de formação de jogador já que não possuem qualquer perspectiva de reconversão, afinal, “o que se pode fazer com os pés além de jogar futebol?” (Damo, 2007, p. 108). Existem outros interesses em cumprir uma lei que garante o acesso à educação e, em nosso país, ainda estamos longe de criar uma consciência da importância da educação para uma melhoria da sociedade.

Muitos jovens excluídos socialmente, sem acesso a uma educação de qualidade, encontram um espaço, um grupo e uma forma de “ser alguém” no futebol. É na periferia e nas famosas peladas e brincadeiras de bola (controle, bobinho, flechinha, rebatida, etc.) que grande parte dos brasileiros aprende a jogar futebol (Freire, 2003). Muitas habilidades desenvolvidas na infância, nos campos improvisados, na rua ou nas escolinhas, são capazes de explicar “o dom do jogador brasileiro para o futebol” (Giglio, 2005).

---

<sup>8</sup> Equipes formadas no ano de 2005: Seleções (anos de nascimento de 92 a 95), Mirim (91), Infantil (90), Juvenil (88 e 89), Júnior (85 a 87).

Mas se aprender jogos e esportes é algo que está ao alcance de todos, aprender bem determinado assunto ou habilidade pode ser para poucos. A diferença deve recair, nesse ponto, entre aprender a fazer e ter facilidade para aprender algo, se destacando ao fazê-lo, e não na incapacidade de aprender, pois a aprendizagem é uma característica inerente a todo ser humano. Jogar bola das 8h às 18h, como disse o jogador francês, representa uma das formas de aprendizagem desse esporte. Quando se trata de uma aprendizagem/vivência motora, o número de horas dedicadas à atividade torna-se o grande diferencial.

### A eficácia simbólica do dom

Apesar da dificuldade de lidar com a categoria dom, principalmente em relação a explicar o inexplicável (ou o que se acredita ser inexplicável, por se situar no campo da fé), a análise dos dados permitiu compreender sua construção e o processo que eleva a categoria dom a um status mágico em nossa cultura. As relações que se estabeleceram e continuam a se estabelecer em torno do esporte nacional alimentam um ciclo capaz de fazer do dom um pré-requisito indispensável para a prática do futebol. Quando um indivíduo se destaca na modalidade, ele o faz por possuir esse pré-requisito.

Porém, a avaliação de quem tem ou não o dom é feita dentro de padrões criados culturalmente pelo próprio desenvolvimento da modalidade. Muitos são os “avaliadores de dom” (mídia de forma geral, torcida, olheiros, técnicos, os próprios parentes e amigos, etc.) e, por conseguinte, muitas são também as formas de avaliação do mesmo, todas baseadas nos modelos correntes de cada cultura. Independentemente da forma de avaliação, do peso dos diferentes avaliadores e do interesse por trás de cada avaliação, muitos jogadores recebem o certificado de “possuidores do dom”.

Tais agraciados, os craques ou ídolos, que se encaixam nos modelos existentes, passam a realimentá-los ao adquirirem o status de ídolos no esporte, tendo suas imagens transmitidas aos novos pretendentes a “possuidores do dom”. Assim, o dom passa a ser a justificativa do sucesso desses jogadores, enquanto que sua ausência explica o fracasso daqueles que não conseguiram se tornar jogadores, ou não se transformaram em jogadores de sucesso. Com isso o status de dom como pré-requisito para a prática do futebol vai sendo reafirmado, e a crença nele aumentada realimenta o ciclo e faz com que sua eficácia simbólica seja cada vez mais forte.



Enfim, a eficácia simbólica do dom é validada em ato mágico (Mauss, 2003), ao ser compartilhado e aceito por seus próprios criadores e consumidores, ao ponto de transformar o rico contexto de aprendizado para o futebol, vivido no Brasil, em um simples golpe de sorte: nascer ou não com o dom.

## Referências

CHAUÍ, M. *Convite à filosofia*. 13. ed. São Paulo: Ática, 2003.

DAMATTA, R. Esporte na sociedade: um ensaio sobre o futebol brasileiro. In: DAMATTA, R. (Org.). *Universo do futebol: esporte e sociedade brasileira*. Rio de Janeiro: Pinakotheke, 1982. p. 19-42.

DAMO, A. S. *Do dom à profissão: a formação de futebolistas no Brasil e na França*. São Paulo: Hucitec, 2007.

FERREIRA, A. B. de H. *Novo dicionário básico da língua portuguesa*. “Folha/Aurélio”. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1995.

FREIRE, J. B. *Pedagogia do futebol*. Campinas: Autores Associados, 2003.

GEERTZ, C. *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: LTC, 1989.

GIGLIO, S. S. *Futebol-arte x futebol-força: a opinião de técnicos*. Relatório final Fapesp (Iniciação Científica)–Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2003.

GIGLIO, S. S. Futebol-arte ou futebol-força? O estilo brasileiro em jogo. In: DAOLIO, Jocimar (Org.). *Futebol, cultura e sociedade*. Campinas: Autores Associados, 2005. p. 1-150.

GIGLIO, S. S. *Futebol: mitos, ídolos e heróis*. Dissertação (Mestrado em Educação Física)–Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2007.

HENRY PISA na bola ao elogiar o Brasil. *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, p. E9, 30 jun. 2006.

MAUSS, M. *Sociologia e antropologia*. São Paulo: Cosac & Naify, 2003.

MORATO, M. P. *Técnicas e táticas do futebol para cegos (futebol de cinco)*. Dissertação (Mestrado em Educação Física)–Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2007.

RODRIGUES, F. X. F. Modernidade, disciplina e futebol: uma análise sociológica da produção social do jogador de futebol no Brasil. *Sociologias*, Porto Alegre, n. 11, p. 260-290, jan./jun. 2004.

SCAGLIA, A. J. *O futebol que se aprende e se ensina*. Dissertação (Mestrado em Educação Física)–Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1999.

SOUZA, M. A. de. Gênero e raça: a nação construída pelo futebol brasileiro. *Cadernos Pagu*, Campinas, n. 6-7, p. 109-152, 1996.

Recebido em: 24/02/2008  
Aprovado em: 19/06/2008